

COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM

ESCOLA

No. 6 - MARÇO 2012 - FERRAMENTAS DE TRABALHO PARA OS PROFESSORES

N.º1 • OUTUBRO 2011

Grupos interativos

N.º2 • NOVEMBRO 2011

Leitura dialógica

N.º3 • DEZEMBRO 2011

Participação e Formação de Familiares

N.º4 • JANEIRO 2012

Tertúlias dialógicas

N.º5 • FEVEREIRO 2012

Prevenção à violência de gênero

N.º6 • MARÇO 2012

Convivência

N.º7 • ABRIL 2012

Desenvolvimento emocional

N.º8 • MAIO 2012

Transformação do entorno

N.º9 • JUNHO 2012

Educação em valores

A CONVIVÊNCIA E SEU DESENVOLVIMENTO



HENAR RODRÍGUEZ E BEATRIZ GALLEGU/
GRUPO ACOGE

Da amizade entre “Mustafá e Sérgio” até o debate sobre a “Aliança de civilizações” é necessário um entorno no qual a diversidade seja entendida como uma fonte de riqueza e de conflito construtivo. Vivemos em meios cada vez mais heterogêneos, onde a informação e a interação se tornaram atividades primordiais e geradoras de conhecimento coletivo (Aubert, Flecha, García, Flecha, Racionero, 2010). Esta realidade está presente, diariamente, nos centros educacionais, fazendo com que a convivência e a aprendizagem sejam dois eixos vertebrais de qualquer realidade educacional. Ambos aspectos, conjuntamente, contribuirão para o êxito educacional de todos os alunos. Não podemos negar que o fracasso escolar de determinados alunos é um dos elementos que intervém no surgimento de problemas de convivência em muitos centros educacionais.

CONVIVÊNCIA E PARTICIPAÇÃO COMO ASPECTOS DA INCLUSÃO

O desenvolvimento da convivência se sustentará no princípio da inclusão, com a finalidade de envolver a comunidade educacional na reflexão, na tomada de decisões, no funcionamento e na avaliação das ações que tornam o centro escolar dinâmico. Na definição de inclusão educativa proposta por Ainscow, Booth e Dyson (2006), observamos que a participação, juntamente com a presença e a aprendizagem, é uma das dimensões fundamentais para a educação de todos os alunos. Esta dimensão, diretamente vinculada ao âmbito da convivência, poderá ser materializada através de princípios como o de ensinar responsabilidade e estabelecer a paz e o cuidado dos vínculos sociais na realidade educacional (Arnaiz, 2003).

Os resultados do Projeto europeu INCLUD-ED, Estratégias para a inclusão e a coesão social na Europa a partir da educação, 2006-2011 (6FP), anunciaram,

recentemente, que a participação da comunidade educacional torna-se uma oportunidade importantíssima para a melhora do rendimento acadêmico e para aumentar tanto o sentimento de pertença como o compromisso uma convivência melhor. Assim como em qualquer outro contexto social, na participação educativa não será possível separar a convivência do conflito, pois são dois lados da mesma moeda, e por ser algo natural e inevitável na existência humana, além de necessário para o crescimento e desenvolvimento dos indivíduos e das sociedades (Galtung e Jares, 2006).

MODELO DIALÓGICO PARA A PREVENÇÃO DE CONFLITOS

Assim, a interação e o diálogo serão a base para a criação de uma cultura de paz, e os princípios da aprendizagem dialógica, a referência para a prevenção e resolução de conflitos nos centros educacionais. Os sete princípios que definem esta aprendizagem (o diálogo igualitário, a inteligência cultural, a igualdade de diferenças, a dimensão instrumental, a criação de sentido, a transformação e a solidariedade) reservam uma estreita relação com o desenvolvimento da convivência nos centros educacionais por estarem orientados na direção da igualdade das diferenças, já que se constrói uma referência de relações, baseada no fato de que todas as vozes da comunidade têm o mesmo valor para a construção coletiva.

Derivado de tudo isso, e como mostram os resultados do Projeto INCLUD-ED, uma iniciativa de êxito nos centros escolares é a proposta do Modelo dialógico para a prevenção de conflitos. Como dizem (Flecha e García, 2007), este modelo, em relação ao Modelo expert ou ao Modelo disciplinar ou autoritário, baseia-se na prevenção de situações de conflito. Portanto, não se trata de resolvê-los uma vez que já apareceram, nem de eliminá-los por atuações punitivas.

O modelo dialógico aposta na resolução dos conflitos através do diálogo e envolve toda a comunidade na criação e implantação de normas escolares que ajudem o aluno a enfrentar as diversas dificuldades que podem surgir na escola, sendo o princípio de validade e não o de autoridade aquele que define estas normas de convivência decididas entre todos (Grañeras, Díaz-Aaneja e Gil, 2011).

ATUAÇÕES EDUCATIVAS QUE PROMOVEM A CONVIVÊNCIA

Exemplos de como a criação de espaços de diálogo e de participação promovem a prevenção de conflitos e a construção de uma convivência inclusiva são encontrados nas diversas atuações educativas de êxito que estão sendo colocadas em prática em diferentes escolas europeias. Na Espanha, estas atuações são desenvolvidas nas comunidades de aprendizagem e são materializadas através do desenvolvimento de ações como as seguintes:

- A formação de familiares através de atividades como oficinas para aprender a usar a Internet, programas de alfabetização, bibliotecas tutoradas, leituras dialógicas, etc. Esta forma de compartilhar com as famílias ajuda a criar novas expectativas educacionais e influencia diretamente na melhora das relações que são estabelecidas diariamente nos centros educacionais.

- Os grupos interativos, forma de trabalhar baseada na maximização da aprendizagem, solidariamente, e com a ajuda de pessoas da comunidade, que favorece o desenvolvimento de sistemas de prevenção de conflitos em todos os níveis.

- A participação da família e da comunidade na tomada de decisões e nos processos de avaliação através das comissões mistas de trabalho, sendo a comissão de convivência uma das mais comuns nos centros educacionais.

- A realização de assembleias grupo-classe, tanto na Educação Infantil quanto no Ensino Fundamental I, como estratégia de autorregulação, para melhorar o clima na sala de aula e que potencializa o desenvolvimento da competência comunicativa, é um aspecto central para o diálogo. Essas assembleias tornam-se espaços de grande utilidade para fazer os acordos das normas e para a formação mais exclusiva na prevenção e mediação de conflitos. Assim como nas outras atuações, em algumas delas conta-se com a participação de familiares.

- E, por último, o consenso das normas com toda a comunidade educacional através da comissão de convivência e das assembleias grupo-classe que foram estabelecidas no centro educacional. No modelo dialógico, são estabelecidas determinadas condições que deverão figurar nas normas acordadas. Entre elas as seguintes: que podem ser

claramente acordadas por todas as pessoas; que tenham relação direta com um tema central para as vidas das meninas e meninos; que tenha apoio “verbal” claro do conjunto da sociedade; que se não estão cumprindo reiteradamente, mesmo que estejamos de acordo em que é preciso cumprir, que se vislumbre a possibilidade de eliminar esse comportamento e que, com a sua superação, a comunidade dê um exemplo para a sociedade, familiares, professores, meninos e meninas (Flecha e García, 2007). Para tanto, os centros devem estabelecer um processo de elaboração baseado no diálogo, com a finalidade de que o conjunto da comunidade se torne seguidor da aplicação da norma e da sua contínua revisão.

Com o desenvolvimento destas atuações de êxito, observamos como os centros educacionais estão gerando uma convivência melhor entre seus alunos e com a comunidade em geral e, além disso, estão contribuindo para que todos os alunos possam aprender e ter êxito educacional ao longo das diferentes etapas da educação obrigatória, fato que, no futuro, lhes permitirá ter acesso a outros estudos, ingressar no mercado de trabalho e realizar seus sonhos.

BIBLIOGRAFIA

- Ainscow, M., Booth, T. e Dyson, A. (2006). *Improving schools, developing inclusion*. Londres: Routledge.
- Arnaiz, P. (2003). *Educación inclusiva: una escuela para todos*. Málaga: Aljibe.
- Aubert, A.; Flecha, A.; García, C.; Flecha, R e Racionero, S. (2010). *Aprendizaje dialógico en la sociedad de la información*. Barcelona: Hipatia.
- De Vicente, J. (2010). *7 Ideas clave. Escuelas sostenibles en convivencia*. Barcelona: Graó.
- Flecha, R. e García, C. (2007). *Prevención de conflictos en las comunidades de aprendizaje*. *Revista de Educación de Castilla-La Mancha “Idea La Mancha”, 4, 2007, pags. 72-76.*
- Grañeras, M.; Díaz – Caneja, P. Y Gil, N. (2011). *Actuaciones de éxito en las escuelas europeas*. Madrid: IFIIE- CREADE- Ministerio de Educación.
- Jares, X. R. (2006). *Pedagogía de la convivencia*. Barcelona: Graó.
- INCLUD-ED: *Working papers: Case studies of local projects in Europe*. 2nd round- URL: <http://creaub.info/included>

MELHORAR A CONVIVÊNCIA TRABALHANDO EM IGUALDADE

MARÍA JOSÉ GUZMÁN GÓMEZ-SELLES /
DIRETORA DO CENTRO ESCOLA INFANTIL
ZOFÍO (MADRI)

Na Escola Infantil Zofío, temos trabalhado para melhorar a convivência desde o ano letivo de 2003 – 2004. Contudo, o ponto de inflexão se deu em 2008, quando começamos a organizar de maneira integrada tudo que trabalhávamos nas salas de aula. Até esse momento, a cada formação de um novo método, eram testados e avaliados os resultados, mas o projeto global do centro educacional continuava desarticulado. Como resultado dessa inquietação para melhorar nosso trabalho e favorecer a convivência, não só com as famílias, mas também com os alunos e entre a equipe docente e de serviços, percebemos que nosso enfoque deveria estar enquadrado em uma proposta dialógica como as que nos oferecem as comunidades de aprendizagem.

SONHANDO JUNTOS E JUNTAS

O primeiro sinal de mudança para uma melhoria na convivência no centro educacional foi feito com a conscientização de que, quando a comunidade educativa sente verdadeiramente que a escola é sua, é mais fácil alcançar as metas propostas. A fase do sonho (na qual cada um dos membros da comunidade educativa sonha com o tipo de colégio que quer) representou um avanço radical para a melhoria das interações entre todos e todas, e da convivência, já que foi estabelecido o mesmo nível de igualdade, independentemente de quem tenha sonhado (família, alunos e alunas, corpo docente, prestadores de serviços, etc.). Isto gerou um clima de confiança que contribuiu para que, pela primeira vez, fosse esquecido aquilo que supostamente nos diferenciava, para nos dedicarmos ao que realmente importa: NOSSA ESCOLA.

Estes sonhos foram realizados através do trabalho de comissões mistas formadas por diferentes membros da comunidade educativa. Na nossa escola, as comissões mistas constituídas a partir dos sonhos são: aprendizagens, infraestrutura e relações



com a Administração, coordenadas pela comissão gestora. Neste momento estamos no processo de desierarquizar, o que quer dizer que qualquer membro da comissão pode fazer uma convocatória e tomar decisões, sem que isso esteja a cargo essencialmente de alguém do centro educacional; peça chave para melhorar a convivência e superar as relações de poder, especialmente por parte das famílias. A fotografia mostra a materialização de um dos sonhos da comissão de infraestrutura: renovar a areia do pátio. Alguém disse em uma assembleia: “Alguns sonhos que são impossíveis sozinhos, são possíveis em comunidade”.

Outra atuação fundamental para a melhoria da convivência é a participação da comunidade educativa como voluntária nos grupos interativos dentro das salas de aula. Foi necessário receber novamente a formação sobre esta atuação concreta para enfrentar os medos e as inseguranças. Nossa escola está localizada no bairro madrilenho de Usera e pensávamos que, neste entorno, seria difícil conseguir uma participação eficaz das famílias. Porém, estamos conseguindo organizar cada vez melhor a participação do voluntariado nos grupos interativos e estamos vendo, cada vez com mais clareza, sua repercussão na melhoria da convivência. Elvira (funcionária de serviços, voluntária nos grupos interativos): “As vezes, quando terminamos os grupos

interativos, ajudamos a agasalhar as crianças para irem ao pátio, o que ajuda a criar um vínculo afetivo que se mantém”.

RESULTADOS NA MELHORIA DA CONVIVÊNCIA NO CENTRO EDUCACIONAL

Em primeiro lugar, o conhecimento do que acontece no centro educacional gera confiança e tolerância. Saber que a instituição, na qual você deixa seus filhos, confia em você, e te oferece possibilidades de participar, gera confiança e, portanto, boas relações. Atualmente, assistem às reuniões e assembleias mais familiares que antes. Sofia (mãe da escola): “Por que iria a uma reunião, para que me dissessem que minha filha come bem? Agora sei do que eles falam, porque participo e vejo como aprendem, e percebo que as crianças pequenas aprendem muito mais do que eu acreditava”. É inevitável perceber uma mudança significativa nas famílias, que passam de meros colaboradores a integrantes participativos na gestão do centro educacional.

Isto representou um giro importante em nosso projeto de convivência no que se refere às famílias. Nas assembleias, suas opiniões são tão importantes, ou melhores, que as dos profissionais. Na primeira reunião de famílias novas, os familiares que estão nas comissões fazem a apresentação da escola junto com a diretora. Em outubro é feita uma primeira assembleia

geral para explicar o que é a comunidade de aprendizagem e como é seu desdobramento na participação. Nesta assembleia percebemos que todas as pessoas, acadêmicas ou não, são capazes de contribuir com opiniões de diferentes perspectivas, e todas são igualmente interessantes. Quase desde o início, aqueles que haviam se preparado mais para a reunião e se sentiam mais responsáveis por dirigi-la, podiam ficar relaxados ao ver que não havia necessidade de que alguém o fizesse. O que contam as famílias “veteranas” às “novas” as fazem confiar mais, porque não o fazem como defesa de seu trabalho, mas sim em defesa da educação e aprendizagem de seus filhos e filhas. Como disse Lucía, a educadora da equipe de direção: “Trata-se de construir uma escola melhor entre todos e todas”.

Os profissionais aprendem a se colocar no lugar das famílias, não em posição hierárquica e elevada pela condição de profissional, mas em um plano de igualdade, de humildade diante do que demandam as famílias.

Maribel (educadora do centro educacional) dizia: “As famílias entendem o porquê de nossas ações e nós entendemos o porquê da forma de atuar das famílias”. Isto ajuda a romper as barreiras entre os que são considerados “especialistas” e “não especialistas”. Os voluntários dos grupos interativos, no início, sentem que não vão saber como participar, mas com o trabalho descobrem que todos são iguais e que cada um contribui com sua experiência. Uma mãe nova perguntou em uma assembleia de familiares: “Como podemos participar?”. Quando ia responder uma pessoa da equipe de comunidades de aprendizagem de Madri, outra mãe que estava há mais tempo na escola disse: “Espera que agora é minha vez de falar, você já falou na sua vez. Deixa que eu explico, porque você enrola muito”.

Por outro lado, os profissionais estão em contínua reflexão sobre a sua tarefa, o trabalho e o objetivo final. Depois de decidir que queriam fazer a transformação para comunidade de aprendizagem, estruturaram todos os métodos e o processo

de ensino-aprendizagem. Uma vez estruturada a tarefa, surgem menos conflitos e torna-se mais fácil fazer os acordos e se organizar; o que demonstra que o centro educacional melhorou significativamente a convivência entre os profissionais. Não há diferença de categorias, a opinião de todos é valorizada da mesma maneira; os funcionários de serviços participam dos grupos interativos e suas contribuições são levadas em conta para a avaliação desses grupos. Como resultado de tudo isso, a comunidade educativa se abriu ao bairro onde está localizada a escola e as relações com este são fluidas. A partir de determinados sonhos das famílias, fizemos contato com a associação de vizinhos do bairro e com outras associações, colégios e com a paróquia para fazer uma REDE de educação no bairro. Todas as atuações têm um denominador comum, o enfoque dialógico igualitário e a consciência de que a escola se constrói entre todos e todas. Considerando tudo isso, vemos que melhora o clima e, dia-a-dia, aumenta a vontade de trabalhar.

A CONVIVÊNCIA A PARTIR DA PERSPECTIVA DE COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM

ZALDUPE, ONDARROAKO ESCOLA PÚBLICA

Na Escola Pública de Ondarroa, estamos trabalhando dentro do projeto de comunidades de aprendizagem, precisamente desde o ano letivo de 2002-2003, momento em que todos, corpo docente, pais e mães, nos comprometemos com uma prática que incluiria suas bases filosóficas, as quais resumimos em uma tese fundamental: “O direito de todas as crianças a uma educação de êxito”. Entendemos o êxito como conquistas que nos aproximam de uma vida digna, com desenvolvimento pleno de nossas capacidades, em uma sociedade que esperamos que seja cada vez mais justa e da qual somos parte ativa e construtiva. Para que este discurso não fique vazio de conteúdo, trabalhamos durante cada ano letivo, apostando em uma prática de escola inclusiva; na qual

todos os alunos e suas diferenças são tratados de forma igualitária.

Considerando estes princípios, para conseguir uma melhoria na convivência foram realizadas diferentes atuações como: a integração de alunos estrangeiros, a participação de familiares e membros da comunidade na sala de aula, a organização de comissões onde participam toda a comunidade educativa, o desenvolvimento de programas coeducativos e o estabelecimento de normas consensuais.

Para começar, seguindo nossa linha de escola inclusiva, apostamos na integração dos alunos estrangeiros, assumindo uma posição contrária à exclusão que os impede de ter acesso aos mesmos direitos e ao êxito. Isso foi possível por meio de reforços linguísticos nos momentos de acolhida e com a organização do trabalho em grupos interativos em todas as salas de aulas para

as matérias fundamentais; organizando a sala em três ou quatro grupos heterogêneos. Estes grupos são mediados pelo corpo docente, estudantes ou voluntárias e voluntários, o que implica necessariamente a presença de um adulto em cada grupo interativo. Além disso, não podemos esquecer da participação dos pais e mães como voluntários nas diferentes oficinas, que contribuem com suas experiências para enriquecê-las. Somos todos iguais na diferença!

A chave que nos conduz para a melhoria da convivência é a participação ativa, todos somos uma parte e temos algo para acrescentar. Como se consegue essa participação? Criamos a seguinte estrutura de funcionamento: um Conselho de Convivência em que dois representantes de todas as salas desde os 4 anos até o 6º ano do Ensino Fundamental, que se revezam durante o ano, se reúnem a cada duas se-

manas, com a direção e o responsável pelo refeitório nas tardes de sexta-feira para trabalhar os conflitos mais relevantes do centro educacional para eles e elas; tanto os que acontecem dentro da sala, quanto os que surgem nos espaços comuns. O mecanismo é o seguinte: no horário da tutoria, os temas que os alunos propõem em assembleia, são debatidos e trabalhados com a tutora na sala de aula, e são escolhidos os problemas que devem ser levados para o conselho para que as decisões sejam tomadas entre todos e todas. Também fazemos o percurso contrário, a partir da percepção do que o assunto requer é que se vai debater e solucionar; produzindo assim um contínuo circuito de debate para receber e contribuir sobre os conflitos, problemas e assuntos que afetam a convivência, sempre partindo de um ponto de vista igualitário e respeitoso para toda a comunidade. Por sua vez, os pais e mães fazem o mesmo em outro conselho no qual participam junto com o corpo docente chamado Comissão de Convivência de nossa comunidade de aprendizagem. Nestas sessões, tanto gerais como de sala de aula, não só busca-se tratar os conflitos cotidianos, mas também

encontrar a raiz do conflito que provoca o abuso de poder em muitos casos, e o tratamento desigual e injusto.

Ao mesmo tempo em que tentamos criar um clima de convivência com a ajuda do Programa NAHIKO do departamento de Igualdade do Governo Basco, trabalhamos com a coeducação aprofundando na perspectiva de gênero em todos os aspectos da vida cotidiana; com a família, na escola ou na rua, no dia-a-dia; analisando as atitudes sexistas e tomando decisões a favor de uma escola igualitária em todos os momentos e espaços. Nesta linha, O Ajuntamento de Ondarroa pôs em prática, há dois anos, o projeto coeducativo “Educação para a Igualdade” nas diferentes escolas do nosso município. Nós da Escola Pública, propusemos à Comissão analisar o sexismo em diferentes espaços e atividades escolares e extraescolares. Para tanto, foi feita uma análise com observações diretas das atividades do centro educacional, incluindo entrevistas com os alunos, pais e mães, corpo docente e treinadores de futebol. Uma vez concluído o trabalho de campo, foi feito um diagnóstico. Com base neste diagnóstico, esta-

mos imersos na elaboração de um plano de melhoria e continuamos trabalhando como o objetivo de construir uma educação em igualdade.

Por fim, concretizamos uma atuação determinante, tentando mudar os eternos papéis, os comportamentos estereotipados e as relações conflituosas que surgiam na utilização do pátio. Essa mudança é fruto de longos debates nas salas de aula e entre os docentes, que buscam administrar um espaço comum de jogos que não esteja monopolizado por um jogo de futebol totalmente competitivo, com intenções claras de poder e causador de numerosos conflitos e enfrentamentos. Estas contínuas fricções e situações de conflito nos levaram, após um período de reflexão, a uma reestruturação deste espaço, reduzindo o tempo e os dias de futebol no pátio. Esta decisão está em contínua revisão, de acordo com as circunstâncias ou novas contribuições do Conselho de Convivência. Esta experiência está dando bons resultados e, apesar das reticências de alguns alunos muito aficionados ao futebol, é uma prática muito positiva e valorizada na qual se aceita a vontade da maioria.

CONSTRUINDO UMA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM

MARTA MERINO FARIÑAS/DIRETORA DO CEIP MIGUEL ÍSCAR (VALLADOLID)

Em contexto menos favorecidos, como o nosso, onde os problemas de desigualdade e pobreza, devido a carências culturais e econômicas, onde as condições externas parecem apontar mais para o fracasso escolar e a exclusão social, nascem – com muito sentido para desenvolver – as atuações educativas de êxito, as atuações educativas que têm tido melhores resultados em nível mundial. Tradicionalmente, no centro educacional havia uma confusão entre trabalhar a diversidade e aceitar o fracasso escolar, impondo currículos de baixa qualidade. Esta situação havia dado espaço para conflitos constantes entre os alunos, os professores e, obviamente, com as famílias. Menciono este último aspecto porque me pergunto: será que realmente

estávamos proporcionando a educação que queríamos para nossos filhos e filhas? A resposta era clara e, obviamente, a indignação das famílias estava totalmente justificada, porque, ainda que se tratasse de famílias de baixo nível cultural e social, de etnia cigana, o mais importante, para qualquer pai ou mãe, são seus filhos e filhas. “Senhores, já é hora de agilizar!” Depois de uma análise exaustiva da situação, começamos a traçar e elaborar os planos com um único objetivo e sentido: O êxito escolar e a melhora da convivência para todos os alunos. Para conseguí-lo, começamos a realizar mudanças na prática educacional para conseguir a utopia daquela escola ou da educação que todo o mundo quiser ter e, principalmente, tornar realidade o sonho de que nenhum menino ou menina fique marginalizado/a ou etiquetado/a pela procedência de sua classe so-

cial, etnia, status econômico, gênero, etc. A alternativa não era só mais uma, era fazer a transformação para comunidade de aprendizagem. Veremos agora como tudo isso foi contribuindo para melhorar a convivência em nossa escola.

Depois da fase de sensibilização, a tomada de decisão foi clara e contundente: Vamos nos transformar! É fascinante comprovar como os valores da cooperação e da solidariedade, que são fomentados em todos os momentos da transformação de uma comunidade de aprendizagem, facilitam com que todas as pessoas tenham possibilidades de contribuir com opiniões para construir um projeto conjunto. É especialmente importante realçar que as expectativas altas são um elemento imprescindível para que esta transformação seja uma realidade. Sem expectativas altas nos alunos,

nas famílias e nos professores, a transformação não é possível.

Seguindo essa linha, deveríamos potencializar e aumentar as interações e, por isso, começamos com o programa Jogos no pátio. Surgiu como alternativa para combater a passividade dos alunos durante o período do recreio escolar e como instrumento para combater alguns problemas de convivência (brigas, geralmente), já que o jogo era uma ferramenta de trabalho extraordinária para aprender a conviver e diminuir os conflitos. No programa de Jogos participaram todas as idades, organizadas por ciclos, e eles foram construindo os jogos de forma dialógica, respeitando e valorizando as opiniões de todos e todas, fazendo com que cada membro da comunidade se sinta participativo. Ao mesmo tempo, isto se relacionou ao projeto curricular, porque não acreditamos em um currículo da felicidade, mas antes que os jogos devem ser acompanhados das aprendizagens que melhorem os resultados.

Utilizamos metodologias de sala de aula baseadas nas interações e no trabalho em grupo. Começamos com o projeto de diferentes oficinas para serem desenvolvidas em horário extracurricular: A Oficina de contos, para realizar contos e inventar, aprender histórias através de jogos. Participaram os meninos e meninas do primeiro e segundo ano do Ensino Fundamental. Colaboraram algumas mães de forma ativa, elaborando fantasias e interagindo em alguns jogos. A Oficina de comunicação foi planejada para os alunos do terceiro ciclo do Ensino Fundamental. Uma característica inovadora desta oficina foi a abertura desta atividade para o bairro. Desse modo, puderam participar os meninos escolarizados em outros centros educacionais que moravam na região. Foram realizadas duas atividades básicas: Jornal Cachapaos (tradução: "Cigano pelos quatro ventos") e a oficina de rádio. Com estas ações tivemos a intenção de melhorar a convivência e, ao mesmo tempo, os conteúdos instrumentais (expressão oral, escrita, leitura, organização das ideias, etc.). Para o desenvolvimento deste programa trabalhamos em colaboração com várias entidades: AMPA, Conselho Social do Bairro e diferentes ONG's.

Percebemos que a transformação era possível e que há a necessidade de desenvolver uma ação conjunta e consensual através de uma organização aberta e par-



ticipativa. É desse modo que surge nossa escola de famílias. Tão importante ou mais do que a formação dos professores é a de todos os agentes que interagem com os alunos. Por isso, em função de suas demandas e interesses, trabalhamos diversas atividades com as famílias, e foram iniciadas para elas uma série de oficinas no colégio. Começamos com as fantásticas e enriquecedoras sessões de café-tertúlia, com o objetivo de fomentar a participação das famílias dentro das salas de aula. Pouco a pouco vão tomando a forma desejada e vão se convertendo em autênticas tertúlias dialógicas que começaremos a desenvolver no próximo ano letivo. Outras atividades desenvolvidas foram as oficinas de apoio psicossocial, em colaboração com os profissionais das redes de atenção à mulher; e informática, programa orientado para a inclusão social. Para as pessoas com menos recursos culturais, sem hábitos de trabalho acadêmico ou com uma baixa autoestima, aprender a usar um computador ajuda a recuperar a confiança na sua capacidade de aprender, e essa mudança mental é muito mais importante do que sua habilidade com o editor de texto. Finalmente, também aeróbica e cabelereiro, eleitas pelas mães como atividades lúdicas e esportivas.

A formação conjunta de todos os agentes potencializa a aprendizagem, a convivência e o sentimento da escola como algo

que é de todos. As famílias olham de outra maneira o seu papel educacional em relação à escola e conhecem, valorizam o trabalho dos professores, o que influencia, por sua vez, nas atitudes que são potencializadas nos domicílios. Dessa forma, a formação de familiares incide na transformação do entorno e nas aprendizagens dos alunos. Eles mostram inquietações formativas porque se sentem úteis, querem colaborar na educação de seus filhos, entrar nas salas de aula, querem que sejam valorizados, querem deixar de ser analfabetos, querem a mudança porque, pela primeira vez, se sentem próximos, se sentem participantes disso, começam a ouvir-se vozes: "quero que minha filha tenha uma oportunidade, não quero para ela o que eu tive", vozes que escutamos porque aprendemos a escutar, apostando no diálogo igualitário.

São parte fundamental do modelo dialógico de prevenção e resolução de conflitos. Propusemos, entre todos nós, decidir as normas com todos os agentes, de forma que toda a comunidade se comprometa no seu espaço. É fundamental a criação das comissões mistas. Partindo do sonho comum, entre todos os agentes, foram decididos os assuntos considerados prioridades. Para levar adiante cada prioridade, formam-se comissões mistas de professores, alunos e outros agentes. Em cada comissão são planejadas as ações necessárias para levar adiante sua

prioridade, incluindo uma divisão de tarefas, decidida entre todos e todas.

Sob este enfoque nasce nosso “tribunal de convivência”, o qual se submete à comissão de convivência, que se reúne toda sexta-feira, no último horário do período da manhã, formado por um representante do CEAS, uma mãe, o presidente da associação dos vizinhos, a diretora do centro educacional e os delegados. Fomentando o diálogo e a argumentação de cada participante, conjuntamente é decidido o modo em que será construída uma cultura de paz diante dos conflitos que vão ocorrendo. As normas são baseadas em princípios básicos que todas as pessoas de sociedades diferentes e de diferentes culturas possam compartilhar, de modo que estejam baseadas naquilo que os une, em vez daquilo que os diferencia: têm que ser muito importantes para a vida dos meninos e meninas, que haja apoio social da maioria e se, contudo, deixem de cumprir reiteradamente a norma, que todos vejam que é possível mudar a situação. É fundamental compartilhar um mínimo de normas que possam ser aplicadas, tanto dentro como fora do centro educacional, mas, para

isso, foi necessário que as famílias tivessem de acordo. Desse modo, eles não sentem como se fosse algo imposto pela escola. Neste trabalho, o processo é importante porque são criados diferentes fóruns de diálogo onde vão sendo abordados conflitos e isto produz transformações. Além disso, as normas combinadas ajudam na recuperação da autoridade. Notamos mudanças espetaculares nos comportamentos dos meninos e meninas que passaram pelo cargo de delegado ou delegada, em relação aos que ainda não passaram. As interações vivenciadas ali formam parte da transformação para uma cultura de diálogo igualitário e de respeito.

Partindo do colégio, pretendemos fomentar a participação da vida no centro educacional, buscar ativamente apoio e recursos do entorno, e potencializar as relações. É assim que transmitimos isso para todo o bairro e tem sido incrível como respondem. Seu apoio e participação nos grupos interativos e nas bibliotecas tutoradas tem melhorado o entendimento e a compreensão entre todos, levando em consideração as vozes de todas as pessoas que compõem a comunidade e melhoran-

do as realidades em função dos interesses do conjunto de componentes humanos que as formam. Optamos por fomentar que haja mais de uma pessoa adulta em cada sala de aula. Baseamos nossa transformação no modelo comunitário, onde as famílias de qualquer cultura participam de modo igual, onde se envolve toda a comunidade em um diálogo que descobre as causas e as origens dos conflitos desde o início e tenta oferecer soluções. Estamos diante de um projeto apaixonante, no qual os meninos e meninas, no dia a dia, vão aprendendo cada vez mais. Os problemas de convivência, quando são feitos os grupos interativos, desaparecem da sala de aula. Aquelas famílias que não estão motivadas para participar, quando veem que realmente se faz uma transformação que melhora a situação de seus filhos e filhas, quando nos veem comprometidos com um projeto, decidem colaborar. Assim, a cada dia, escutamos mais frases das mães, por exemplo, quando fomos à Universidade para o fechamento das Jornadas, onde disseram: “Nossos filhos também virão aqui!”

COMO FOMENTAR UMA CONVIVÊNCIA PARTICIPATIVA, ATIVA E RESPEITUOSA?

EVA MARIA TESTA TELES/ EMEB JANETE M.M.LIA

Sou professora de meninos e meninas de 10 anos, na EMEB Janete M.M. Lia, uma escola que é comunidade de aprendizagem desde 2005, na cidade de São Carlos, Brasil.

Como professora pude presenciar, muitas vezes, o modo pelo qual os meninos e as meninas discutem sobre as relações de gênero, principalmente sobre o problema da participação das meninas em jogos tradicionalmente considerados de meninos, como é o caso do futebol, mas também sobre estar apaixonado e sobre comportamentos violentos dos homens em relação às mulheres. Por este motivo, pensei em promover um espaço de diálogo e formação preventiva à violência de gênero, através das tertúlias literárias dialógicas (TLD) que já eram desenvolvidas em sala. Havia começado a realização de tertúlias literárias dialógicas

com meninos e meninas em 2009 e havia comprovado sua efetividade durante seu desenvolvimento. Assim, decidi levar para ler nas TLD livros que estimulassem mais diretamente a discussão sobre as relações de gênero.

Com as tertúlias literárias dialógicas, eu pretendia ampliar, na sala de aula, o espaço para dialogar sobre as desigualdades e violência nas relações de gênero, desejando que os meninos e meninas pudessem refletir sobre as relações de gênero, os motivos das desigualdades, e como prevenir a violência de gênero. O que saía nas discussões era que os meninos e meninas defendiam seu ponto de vista sem se preocuparem verdadeiramente com o que as outras pessoas diziam.

Nessa atividade, a mediação de uma pessoa adulta é extremamente importante: as perguntas que provocam reflexão, os momentos de silêncio que permitem entender os diferentes argumentos, as con-

versas solidárias que começam a sair... Todo o ambiente tem que estar preparado de tal modo que os meninos e meninas percebam que não se trata de uma disputa sobre quem tem razão e quem não tem, mas, ao contrário, que é preciso refletir sobre as coisas que não são boas para as pessoas e que precisam ser superadas. Então, começaram a surgir as perguntas e os argumentos igualitários por parte dos próprios meninos e meninas.

Como exemplo de diálogo estabelecido durante as tertúlias literárias dialógicas como prevenção à violência de gênero, lembro da conversa sobre um menino que era adorado por muitas meninas da escola. Diziam que, a cada dia, ele escolhia uma menina para “ficar”, e durante esse dia, a menina eleita brigava com as colegas. Esta situação foi se repetindo e gerou muita polêmica entre meninos e meninas.

Aquele dia, dialogamos muito sobre demonstrações de amor, de paixão, padrões

de beleza, idade para começar uma relação amorosa, o tipo de comportamento que o menino apresentava e o modo em que as meninas alimentavam esse comportamento. Um argumento de um menino, Gabriel, sintetizou as reflexões obtidas através do diálogo: “Eu não sei porque elas gostam desse menino. Elas não percebem que ele não gosta de nenhuma delas? Ele fica rindo, enquanto as meninas brigam para ficar com ele. Isso não tem nenhum sentido...”

Depois disso, uma das meninas veio me mostrar a carta que havia escrito para um menino, “seu namorado”, e ela me perguntou se deveria entregá-la. Ela já havia enviado, antes disso, duas cartas, e ele não havia respondido nenhuma. Dialogamos e ela decidiu não entregá-la. Foi um momento muito significativo, pois eu pude perceber que as discussões que surgiam na sala de aula levaram esta menina a avaliar suas próprias atitudes e a do menino. Talvez ela tenha dado valor à conversa depois de ter escutado seus próprios colegas falando sobre esse assunto.

Resumindo, proponho a atividade de TLD para discutir e dialogar sobre igualdade de gênero e como espaço de prevenção à violência contra a mulher, o que me permite acompanhar discussões muito interessantes sobre violência e também sobre conquistas nessa área. Nessa atividade, dialogamos sobre as desigualdades existentes e também sobre a possibilidade de superá-las. Certa-



mente estas conversas ajudam os meninos e meninas agora e no futuro, tanto na sua formação como na hora de procurar relações mais igualitárias e felizes, e oferecem mecanismos para evitar a atração pela violência, seja física ou emocional.

REFERÊNCIAS

» MELLO, Roseli, R. et al. Tertúlia Literária Dialógica. Artigo apresentado no 2ª

Congresso Brasileiro de Extensão Universitária – Belo Horizonte 12 a 15 de setembro de 2004.

» GIROTTO, Vanessa C. Leitura Dialógica: primeiras experiências com Tertúlia Literária Dialógica com crianças em sala de aula. Tese de doutorado apresentada pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de São Paulo, sob a supervisão da Professora Dra. Roseli Rodrigues de Mello, 2011.